

1. CALAR PARA ACREDITAR

Gostaria de conhecer uma pessoa que se calou durante toda a sua vida – mas gostaria de conhecê-la no momento em que começasse a falar.

– E. CANETTI

“Ah, se pudesse ouvir um pouco que fosse do sermão da montanha *pela primeira vez!*”, pensava eu durante as celebrações dessa Semana Santa, na qual cada palavra do padre me devolvia o gosto e a atmosfera de uma *madeleine* proustiana molhada no temor, no enjoo e no tédio.

Mas não tem jeito. Assim como não podemos nos banhar outra vez no mesmo rio, nem comer cru o que foi fervido, também não podemos ouvir de novo aquilo que já foi dito, repetido e aborrecido. É certo que a repetição *viva* de uma história nos permite (como numa história para crianças) re-conhecê-la e saboreá-la, que é a forma ao mesmo tempo mais profunda e mais magnânima de participar dela. Mas a pura e simples reiteração institucional dos mesmos acontecimentos só cria pele morta: um calo ou uma crosta que logo transforma o testemunho mais excepcional no mais banal dos lugares-comuns.

É o que me acontece, infelizmente, quando ouço a história dos pães e dos peixes, a de Madalena e seus cabelos, a da sarça ardente, da morte de Lázaro ou de “tudo isso te darei, se, prostrado...”. Curiosos relatos repetidos com mais ênfase do que convicção nas mil e uma missas diárias dos meus mil e um colégios. Tudo o que chego a sentir agora,

quando volto a ouvi-los, é aquele peso nas pálpebras ou aquele vazio no estômago associado ao medo das provas do dia seguinte ou ao inferno anunciado para um pouco mais à frente.

É então que penso numa parábola que se contava aos noviços nos mosteiros budistas. Acontece que havia um monge tão santo e tão sábio – diziam – que, depois de uma vida inteira de estudo e meditação, nunca tinha dito uma única palavra. Todos os noviços do mosteiro respeitavam e reverenciavam sua sabedoria, mas quando completou 85 anos e sua saúde começou a decair, resolveram pedir que falasse finalmente.

– Conte-nos antes de morrer o que aprendeu e contemplou em todos esses anos. Não vá embora sem nos deixar alguma coisa..., algo assim como uma pista que nos ajude nos estudos e nos oriente na contemplação.

O velho respondeu com um sorriso, mas continuou calado. À medida que sua saúde se deteriorava, a impaciência aumentava entre os noviços. E cresceu tanto que, já em seu leito de morte, começaram a gritar e até a sacudir o velho monge, tentando obrigá-lo a soltar nem que fosse uma pitadinha de seu tesouro espiritual.

– Não seja egoísta e cruel! Não leve para o túmulo tudo o que acumulou e que pode nos servir como luz e como guia.

Mas o velho continuava silencioso, imperturbável entre os jovens que começavam a maltratá-lo. E somente no instante em que exalava seu último suspiro, ele disse uma palavra, sua única palavra:

– Fogo!

E o mosteiro começou a arder em chamas.

Essa é a eficácia, penso eu, que a palavra teria, qualquer palavra na qual depositássemos toda a intensidade que ao longo da vida fomos dilapidando nas mil e uma

bobagens que dizemos e repetimos sem parar, sem pensar. Uma palavra que, se fosse “água”, inundaria; se fosse “primavera”, abriria todas as flores; se fosse “frio”, congelaria o mundo inteiro.

E que, se fosse o sermão da montanha, nos tornaria, a todos nós, santos. Para mim, infelizmente, esse sermão foi gasto por todos aqueles que o repetiam sem piedade, missa após missa, e em seguida, palavra de ordem atrás de palavra de ordem, sem respeito nem precauções, sem perceber, como dizia Joubert, que “as palavras são como vidros que escurecem tudo aquilo que não ajudam a ver melhor”, e que por isso mesmo, são “um sacramento de administração muito delicada”. Encontrarei algum dia o monge que guardou essa palavra em seu coração para devolvê-la a mim?